

Fotografia

Do primeiro instantâneo de uma criança até à imagem exposta em galeria, a fotografia acompanha-nos todos os dias, fazendo parte do quotidiano de cada um de nós. E, todos, em algum momento, somos fotógrafos.

TEXTO E FOTO DE JOÃO DE CASTRO

A fotografia é uma acção que em si toma muitas formas e quereres, abrangendo transversalmente variadíssimos sectores de actividade. Acção, pois o que caracteriza toda a fotografia é o acto de registar uma imagem no propósito de fotografar. No entanto, essa mesma acção engloba diferentes propósitos, fazendo depender a atitude em relação ao canal que pode representar. Na realidade, a semelhança entre “as fotografias” não se prende com técnica, capacidade de realização ou inspiração; mas apenas com a acção comum e inicial do acto fotográfico. Esse é, porventura, o único ponto comum entre todos os ramos da fotografia, cada um com as suas características e graus de exigência específicos.

A fotografia é uma actividade que sofre da sua importância, do facto de ser um meio e uma presença constante na perspectiva cognitiva e comunicativa do ser humano, o que faz com que o seu real âmbito seja tão abrangente e que dificilmente tenhamos uma noção global do que é a fotografia. Memória pessoal, registo do colectivo histórico e sociológico, lazer, profissão, ferramenta técnica e científica, expressão artística, instrumento político, canal publicitário, técnica, inspiração, marcas de equipamento fotográfico ou galerias de arte... todos são fotografia.

A importância da fotografia encontra-se por toda a nossa vida; desde a primeira fotografia que nos tiram em recém-nascidos, até à memória da nossa vida para as gerações que se seguem. A imagem que a cada momento alguém regista molda o nosso sentimento e percepção sobre o nosso real, construindo os momentos nos quais viveremos de seguida e a cultura em que nos inserimos. Retemos momentos que se inserem em diferentes contextos daqueles em que foram capturados, sendo tanto particulares a cada observador quanto distantes da acção inicial.

Em consciência dos factos, não podemos remeter os sectores da fotografia para planos escalonados entre si por importância, valor ou qualidade; não são a mesma coisa, apesar de todos serem a fotografia. A dignificação da fotografia passa pela consciência e respeito dos, e entre, fotógrafos. Definir quem é fotógrafo faz correr muita tinta e alimenta muita divagação e celeuma, quando fotógrafo é todo aquele que empunha um qualquer meio de registo fotosensível; seja ele uma caixa de cartão com uma superfície quimicamente emulsionada, ou o último modelo de câmara digital com

objectivas topo de gama. Não poderemos fugir a esta definição, por mais que a paixão pela fotografia a isso nos leve.

É certo que a evolução e o envolvimento da fotografia com outras disciplinas têm levado a situações em que o seu enquadramento não será muito claro à partida, o que faz com que nem tudo seja “preto ou branco”. Como exemplo, podemos referir a utilização da fotografia nas artes plásticas e a manipulação de imagens com pintura digital.

Será que, ao fotografar uma performance, de uma forma puramente documental e inócua para apenas registar a expressão e intervenção artísticas, se faz uma fotografia? Ou será uma criação artística que se forma numa performance e em que a fotografia apenas intervém enquanto registo e divulgação? Na justaposição dos canais utilizados vigora o quanto e como?

Uma fotografia manipulada através de pintura digital (pintura digital concretamente, não manipulação através de ferramentas digitais de edição fotográfica) mantém-se enquanto fotografia? E quanto? Teremos uma pintura digital com base na fotografia inicial? Será a pintura digital sobre fotografia a versão actualizada do retoque a pincel que os primeiros fotógrafos (na sua maioria anteriormente pintores) tanto utilizavam para finalizar o seu trabalho? Seremos nós no futuro recordados com o mesmo “retoque” (mas agora digital) com que os nossos bisavós se nos dão a conhecer hoje?

As questões não são novas, mas a própria fotografia dá resposta. Se tomarmos a fotografia analógica (por exemplo) como reflexão, rapidamente percebemos que é um acto fotográfico e não um ensaio químico, apesar de todo o processo ser dependente dessa disciplina das ciências. Também na culinária poderemos encontrar paralelos, questionando que talheres deveremos utilizar num prato de mexilhões com massa; ou será massa com mexilhões? Poderíamos divagar por muitas páginas sem por isso chegar a lado algum e a fotografia nada ganhar com isso. No entanto, penso que a resposta está na importância e papel que a fotografia desempenha no produto final e sua justaposição enquanto meio e/ou objectivo.

No caso da performance versus fotografia, o propósito é a expressão artística e tudo depende se a fotografia interpreta a performance enquanto parte da expressão artística contida na obra final, ou se por contraposição assume apenas o papel de registo inócua e documental. É certo que um trabalho deste género tem fotografia

ao registar um momento, mas também é óbvio que, se a performance se sobrepõe largamente em termos de propósito e criação, tudo reside na acção da performance e não num acto fotográfico.

Em relação à pintura digital em fotografia, o mesmo pensamento é válido, e até corrente em pintura desde que a fotografia existe. Ao longo dos tempos, muitos pintores utilizam a fotografia como base de trabalho (Salvador Dalí projectava imagens sobre as quais desenhava, muitas vezes tirando partido de distorções da projecção para criar a perspectiva dos seus trabalhos), mas o mais representativo nas suas obras assume-se na sua interpretação e execução enquanto pintura. Logo, e vendo a situação no sentido inverso, a utilização da pintura na fotografia é legítima, desde que a fotografia inicial mantenha a importância e conteúdo mais relevante na imagem final.

Há que avaliar a justaposição de valor e expressão da fotografia no produto final, de forma a lhe chamarmos fotografia. Ou não.

Amadores ou profissionais, técnicos ou artísticos, “tirando ou fazendo” fotografias, todos são fotógrafos! Cada disciplina e tema da fotografia deve ser tomada e chamada pelos nomes, na percepção do valor que cada um representa, e que as comparações de um tipo de fotografia sobre o outro não fazem sentido, apenas prejudicando o verdadeiro interesse de todos quantos vivem a fotografia.

É deste ponto, confuso mas necessário, que partiremos à abordagem da arte fotográfica e a fine art enquanto temas, dando luz sobre as suas origens, real significado, parâmetros, e a forma como são encaradas. Uma história a continuar. ☐



ponto128

Ponto 128 é o lugar de confluência do meio termo de R,G,e B, o cinzento neutro, umbral entre o preto e o branco. Aqui é ponto de encontro sobre a fotografia nas suas diversas áreas e temáticas, a abordadas de uma forma concisa, profissional e abrangente.